



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

PARA SER MARIA: FONTES PARA UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA

Josineide Siqueira de Santana

josimorena@bol.com.br

Rosemeire Siqueira de Santana

r-siqueira-santana@bol.com.br

Inácia Maria Rodrigues do Nascimento

innascimento@bol.com.br

(UFS)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma leitura das fontes para a história da Educação Feminina e suas diversas possibilidades e inclui-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Nova História e História Cultural e tem sua fundamentação teórica em pesquisas relacionadas à História da Educação e História da Educação Feminina produzidas por pesquisadores, tais como Almeida (1998,2007), Lopes e Galvão (2001), Del Priore (2005). A História da Educação Feminina pode ser contada a partir de seus diversos vestígios. Materiais como diários, cadernos, poesias, romances, cartas, fotografias e canções que durante algum tempo ficaram escondidas, apresentam uma contribuição ímpar para a percepção da forma de vida das mulheres. Os fragmentos deixados pelas mesmas nos dão conta de seus desejos, costumes e crenças. Através deles podemos vislumbrar o tipo de vida oferecida a elas em contrapartida ao que elas desejavam. Para a realização desse estudo foram utilizadas diversas fontes, entre elas: poemas, cadernos de recordação, cadernos de poesias, canções de época, fotografias, depoimentos orais, sites e bibliografia específica.

Palavras-chave: Fontes. Educação Feminina. História da Educação.

Introdução

“O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira”. Diante da afirmação de Dominique Julia (2001, p. 17) pensamos que boas flechas seriam as fontes! Fontes que nos ajudassem a compreender e a pensar melhor sobre a educação e a vida feminina; os percalços, dificuldades, e, por que não, os desejos e realizações. As fontes são a ferramenta primordial do historiador; elas são capazes de nos dar pistas, ajudar a elucidar sentimentos, épocas, costumes e apontar os trajetos por onde seguir. Assim, podemos compreender os caminhos das muitas histórias, entre elas: a história das mulheres.

Tratar do universo feminino se configura em tarefa árdua, durante anos a mulher foi vista com reservas e um tanto de vigilância, mas apesar de ser tida como fraca, frágil, incapaz de governar a si mesma, algumas conseguiram mudar sua história, fossem elas ricas herdeiras, mulheres do povo, resistentes ao casamento ou exímias esposas. Essas mulheres buscaram ao longo do tempo, o direito a aprender e poder decidir sobre sua própria vida. Para cerceá-las muitos artifícios foram lançados, entre eles: o da loucura, muitas vezes encerrado no envio de

3184





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mulheres para os conventos, prisões ou asilos, pois uma mulher que se mostrava de difícil comportamento ou arredia não deveria estar gozando bem de suas faculdades mentais. Assim, o diagnóstico da loucura seria uma boa justificativa para trancafiá-las nessas instituições.

Aliás, a loucura foi também atribuída a várias mulheres que se mostravam indignas ou inconvenientes aos propósitos de seus pais, irmãos ou maridos. Para elas, a solução era o encarceramento em prisões, em asilos manicomiais ou em conventos. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 74)

O matrimônio também exerceu o seu poder decidindo a vida das mulheres. Uma vez que não fosse possível para um pai arranjar um bom matrimônio para suas filhas, “a solução era casar apenas uma e encerrar as outras num convento” (NUNES, M J R., 2008, p.486) afinal ninguém queria ter a sina de uma filha solteirona, pois isso era motivo de vergonha para os familiares. Muitas vezes, podiam ser vistos vários membros de uma só família vivendo em um mesmo convento.

Outra questão diz respeito ao direito à instrução feminina que sempre estava fora da pauta do dia, mantê-las na ignorância seria algo prudente. Para que aprender? Uma vez que seria uma mera dona de casa? Para ser dona de casa, cuidar dos filhos e marido não era necessário muito. Logo, “a situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades [...] como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela.” (TELLES, 2008, p.406). Todo esse descaso com a instrução feminina, segundo a historiadora Maria Thétis Nunes, (2008, p.05) configurava-se no temor do homem de que “a mulher letrada escapasse ao seu mandonismo tradicional” algo bem marcado no cancioneiro popular que dizia: “menina que sabe muito é menina atrapalhada, para ser mãe de família saber pouco ou quase nada.” (CALAZANS apud NUNES M T., 2008, p.50)

Desse modo, as mulheres que não faziam parte do considerado normal, do que era aceito, do que deveria ser o caminho natural: aprender somente o necessário para casar, cuidar dos filhos e contribuir para a formação da sociedade, viviam em seu cárcere, fosse ele um convento ou entre as paredes de seu próprio lar. E, pensando nas mulheres e como elas se expressavam, vamos ao encontro de seus vestígios e marcas. Alguns estão perdidos no tempo, outras nos ajudarão a compreendê-las em seu tempo.





1- Cartas, diários e leituras: escrevendo a vida.

Faz-se necessário lembrar que, apesar de tantas dificuldades, as mulheres encontraram um meio de demarcarem sua presença na História. Mesmo aquelas cujos nomes não estão nos livros ou compêndios, deixaram, de forma expressiva, seus rastros através de objetos guardados, papéis, cartas de amor ou de saudade, diários, receitas e tantos outros registros que podem estar guardados em algum lugar como nos:

[...] baús de enxovais e arcas de madeira: os papéis que contavam nascimento e morte, as cartas de noivos, maridos e filhos nas guerras em lugares distantes, lista de tarefas domésticas, diários que registravam fatos corriqueiros ou somente sonhos femininos, cardápios de jantares, escritos irregulares com caligrafias infantis em cadernos escolares dos filhos, [...] enfim, um sem-número de pequenas coisas representativas do tempo que se viveu, da vida que se levou e de todo um universo feminino aprisionado entre a poeira dos objetos guardados. (ALMEIDA, 1998, p. 46)

Aliás, as cartas de amor revelam as formas de amar, as paixões, decepções e tantos outros sentimentos que inundam o ser feminino; sejam eles de afeto ou de uma raiva incontida, como na 1ª carta da freira Mariana Alcoforado:

Considera, meu amor, a que ponto chegou a tua imprevidência. Desgraçado! foste enganado e enganaste-me com falsas esperanças. Uma paixão de que esperaste tanto prazer não é agora mais que desespero mortal, só comparável à crueldade da ausência que o causa. Há-de então este afastamento, para o qual a minha dor, por mais subtil que seja, não encontrou nome bastante lamentável, privar-me para sempre de me debruçar nuns olhos onde já vi tanto amor, que despertavam em mim emoções que me enchiam de alegria, que bastavam para meu contentamento e valiam, enfim, tudo quanto há? Ai! os meus estão privados da única luz que os alumia, só lágrimas lhes restam, e chorar é o único uso que faço deles, desde que soube que te havias decidido a um afastamento tão insuportável que me matará em pouco tempo.

As palavras acima são de autoria da freira Mariana Vaz Alcoforado, nascida em 1640 na Província do Baixo Alentejo, em Portugal. Aos 11 anos ela foi levada ao Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição. Mesmo sem inclinação religiosa, fez sua profissão de fé. Em 1664, conheceu o Conde de Saint-Léger (Noel Bouton de Chamilly) e a partir desse momento surge uma paixão entre os dois, que mais tarde se transformaria em sofrimento amoroso, dando origem às





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

chamadas “Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado”. A obra conta com cinco cartas através das quais a religiosa faz desabafo acerca do seu amor e da sua condição. (NEVES, 2003, p.01)

Os anseios femininos, registrados em cartas, revelam muito da vivência das mulheres. Por isso, a dificuldade em encontrar esses registros. Vale ressaltar que muitos acabaram por ser destruídos por suas próprias autoras. Talvez alguns pudessem de alguma forma representar uma ameaça ao que se concebia como comportamento ideal para uma mulher, por isso, a necessidade de eliminar os vestígios e de “ocultar sua vida” (ALMEIDA, 1998, p.46)

Assim como as cartas, podemos trabalhar com os relatos de viajantes, que em sua maioria mostram o modo de vida da população, embora “apresentam uma visão genérica da realidade observada [...] mas têm a qualidade de tratarem de anotações e reflexões externas ao contexto estabelecido [...]” (VASCONCELOS,2005,p.20); as correspondências pessoais, ou seja, as cartas trocadas entre contemporâneas, geralmente as mulheres letradas, nas quais estão registrados os trabalhos, preocupações, sonhos e dificuldades.

O estudo da Literatura também nos possibilita “a descoberta de outros mundos” (LOPES; GALVÃO, 2011, p.85) e traz consigo muitas personagens femininas, entre eles podemos fazer referência “A Aurélia” do romance “Senhora” de José de Alencar, bem como, “Carolina” de “A Moreninha” escrita por Joaquim Manuel de Macedo, ambas as obras literárias retratam de alguma forma a sociedade em que foram concebidas:

- Em todo o caso é mais bem educada do que do que eu? - Do que você, Aurélia? Há de ser difícil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que haja.[...] Você toca piano como o Arnaud, canta como uma primadona, e conversa na sala com deputados e os diplomatas, que eles ficam todos enfeitiçados. (ALENCAR, 1997, p.09)

No trecho acima o autor nos ajuda a compreender o universo feminino de uma mulher da elite. Preocupada com o refinamento e a educação, dona de virtudes e aptidões desenvolvidas numa educação de cunho doméstico. O trecho seguinte ilustra outra forma de uso dos romances e como eles podem nos ajudar a decifrar uma época:

Morava com a Srª D. Ana uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotazinha daquela ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelo e incômodo que tivera na criação da menina lhe sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça. (MACEDO, 2006, p.121)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

No romance “A Moreninha” destacamos a educação através do papel das amas. Essas mulheres viviam para educar as crianças da família, e geralmente eram tratadas com amor filial. A citação procura nos mostrar uma das formas de educação do período.

Os romances literários, as novelas, contos, poesias e literatura de cunho moral e religioso, bem como as peças teatrais, podem expressar através de críticas, sátiras ou exemplos o retrato da época vivida.

Os diários íntimos, que muitas vezes escondem o indizível. Os diários são o lugar nos quais os sonhos parecem se concretizarem; as emoções, as fantasias, os desejos, os pedidos e as decepções residem, lá. Porém, chegar a esse tipo de fonte é quase sempre muito difícil. Um dos motivos estaria relacionado, justamente, ao termo “íntimo”. Mesmo que um pesquisador tivesse acesso a algum, acreditamos que encontraria resistência por parte dos familiares ou guardiões, que em geral não permitem a leitura do material por interpretar uma invasão à vida do ente querido.

O diário pode ser um dos recursos mais importantes para a expressão, o cultivo e a auscultação do íntimo onde se pode guardar e resguardar aquilo que constitui uma das facetas mais preciosas da identidade que é a própria identidade que é a própria intimidade. (CUNHA, 2008, p.120)

Para melhor ilustrarmos a importância desse tipo de fonte, faremos uso da obra “Minha Vida de Menina”, de Helena Morley(2011), onde, incentivada pelo pai, faz observações acerca dos dias e do cotidiano a sua volta.

Quinta- feira Santa, 30 de março de 1893.

Na Semana Santa, como não há escola para nós, a família toda aproveita para ficarmos reunidos na chácara. Ontem, Quarta-feira de Trevas, Iaiá Henriqueta leu em voz alta a Paixão de Cristo para todos ouvirmos. Como era dia de bacalhau, vovó mandou abrir três garrafas de vinho do Porto para o jantar. Todos comeram e beberam a fartar; Tia Carlota bebeu mais do que as outras e ficou com o nariz vermelho como lacre e os olhos pequeninos. Depois do jantar fomos todos para o Palácio confessar.

Nós meninas fomos proibidas de confessar com o Senhor Bispo, porque ele pergunta muita coisa que a gente não entende e meu pai disse que é um absurdo mamãe nos deixar confessar com um velho caduco. Ele está muito velhinho. Como no Palácio há muitos padres. Mamãe escolheu para nós o Padre Florêncio. Ele é muito bom e dá penitência pequena, mas a gente sai cansada do confessionário de tanta história de santo que ele aproveita para contar e

3188





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

aconselhar a gente a imitar. Como se isso dependesse da gente. Eu regulo por mim; tenho inveja das pessoas boas e santas mas não posso deixar de ser o que sou. (MORLEY, 2011, p.40)

Em sua narrativa, a autora informa sobre os ritos da Semana Santa, o comportamento familiar e suas impressões sobre os mesmos. “O bispo era muito velhinho”, quanto ao Padre Florêncio era bonzinho, mas perdia muito tempo contando histórias sobre a vida dos santos. Embora, reconhecesse sua admiração pelas pessoas boas e santas, afirmava não poder deixar de ser ela mesma.

Além das fontes já citadas, contamos com os periódicos e revistas dedicados ao público feminino e que nos proporcionam uma gama de informações sobre o cotidiano, o modo de vida, pensamentos e os comportamentos vivenciados pelas famílias e, principalmente, pelas mulheres do período.

Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades. (LUCA, 2010, p.121)

As capas sempre bem produzidas, com imagens que remetem a um modelo de felicidade possível e próximo. Por esse motivo, essas revistas tinham grande aceitação não só entre as mulheres, mas também entre os homens que acreditavam na orientação passada às suas esposas. Os conselhos mais frequentes diziam respeito ao comportamento feminino. As orientações para um bom viver matrimonial estavam sempre presentes nessas revistas. Assim em seu nº 98 de 1924, a Vida Doméstica, oferece ao seu público, “O Decálogo da Esposa” com orientações úteis para a salvação da família brasileira, obviamente por meio da conduta da esposa amorosa e dedicada.

O Decálogo da Esposa

- I- Ama teu esposo acima de tudo, na terra, e ama o teu próximo da melhor forma que puderes! Mas lembra-te de que tua casa é de teu esposo e não do próximo.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

- II- Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hospede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem se contam as contrariedades da vida.
- III- Espera teu esposo com o teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te afflijas excessivamente, si alguma vez ele não reparar nisso.
- IV- Não lhe peça o superfluo, par o teu lar; pede-lhe sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranquillo para as creanças.
- V- Que teus filhos sejam sempre bem arrançados e limpos; que tu estejas sempre aseada como elles; que ele, ao vel-os assim, possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estando ausente.
- VI- Lembra-te, sempre de que casastes para partilhar com teu esposo as alegrias e tristezas da existência. Quando todos o abandonarem, fica tu ao teu lado e diz-lhe: aqui me tens! Sou sempre a mesma. [...]



Figura 01: Revista vida Doméstica. Abril de 1924. Fonte: visualdicas.blogspot.com/2009/06/vidadomestica.html

- VII- Si teu esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, sê boa para com Ella pensando em todas as noites de aflicção que terá passado para protegê-lo na infância, formando o coração o coração que um dia havia de ser teu...
- VIII- Não peças a vida o que nunca ella deu á ninguém. Pensa, antes que se fores justa, poderás ser feliz.
- IX- Quando as maguas chegarem não acobardes: luta! Lucta e espera na certeza que os dias de sol voltarão.
- X- Si teu esposo se afastar de ti, espera-o. Si tarda em voltar, espera-o; tu não és, sómente a sua esposa, és ainda, a honra do seu nome.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

E quando um dia elle voltar, há de abençoar-te. (apud, FREIRE, 2009, p.80)

O Decalógo da Esposa nada mais era que a prescrição de como a mulher deveria se comportar perante o marido, o lar e a família. Torna-se importante fonte de pesquisa, pois, traz consigo todo o ideário vivido pelas mulheres da época. Conselhos como “semblante sempre risonho”, “estejas sempre asseada” ou “aqui me tens, sou sempre a mesma”, mostram claramente como deveria se comportar a mulher do início do século XX. Outro bom exemplo, diz respeito à separação dos papéis, cabendo sempre ao homem as grandes preocupações, e à mulher ter o discernimento, compreensão e carinho; assim encontramos um dos conselhos recomendados às mulheres na Revista Feminina em dezembro de 1922:

O homem, com as preocupações da vida, com a luta pela existência, qual um novo Hércules que deve fazer uso da sua força, do seu vigor para destruir os obstáculos que lhes embargam o passo, precisa no entanto nos momentos de cansaço e de desalento dos encantos da voz suave e carinhosa, das carícias das mãos brancas, do sorriso, [...] e do refrigério dos lábios vermelhos. E ao chegar ao lar, depois de um dia de trabalhos, descansar no peito amigo de sua companheira que só por ele vive. A mulher, a sua eterna aliada, vinda ao mundo só para fazer sua existência mais suave, flor do jardim da vida e jardim perene no lar perfumando-o com a sua fragância e bondade.

As orientações para um bom viver matrimonial estavam sempre presentes nas revistas dirigidas ao público feminino. Afinal, seria no casamento que a felicidade feminina se completaria. O importante será sempre questionar, qual a educação prevista para as mulheres naquele período e qual o papel de revistas e periódicos nesse processo?

2-A namorada que sonhei...: compondo o universo feminino.

Tal como a literatura e os periódicos, a música também contribui no tocante às fontes para a História Feminina. Através dela é possível expressar sentimentos, momentos ou mesmo descrever situações vivenciadas no dia a dia. A canção “Carinhoso,” de autoria de Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha e Carlos Alberto Ferreira Braga, o João de Barro, nos remete as relações de amor, às declarações e aos flertes:

Meu Coração/Não sei porquê/ Bate feliz, quando te vê/E os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão te seguindo/Mas mesmo assim, foges de mim.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ah se tu soubesses/como eu sou tão carinhoso/ e muito, muito que te quero/ E
como é sincero o meu amor / Eu sei que tu não fugirias mais de mim [...]

Como perceber as marcas deixadas por determinadas canções? Quantos casais foram embalados por ela? Por quê alguém fugiria de um amor que se mostra tão apaixonado? Em qual contexto algumas canções foram escritas? Todas essas perguntas podem ser respondidas através de uma análise histórica, pois trazem consigo todo o referencial de um período, o que se pensava e dos costumes vividos.

Outra reflexão, a partir do uso de canções pode ser a forma como eram vistas as mulheres negras e louras na década de 30 do século XX, como se caracterizava essa relação. Quem seria tida como a mais formosa? Entre os anos de 1932 e 1934, dois grandes compositores da Música Popular Brasileira: Lamartine Babo e Braguinha compuseram e defenderam duas canções que ilustram, de forma interessante esse momento. Lamartine Babo gravou “Linda Morena” e seus versos diziam assim:

Linda Morena, morena/ morena que me faz penar/ A lua cheia que tanto brilha/
Não brilha mais tanto quanto seu olhar/ Tu és morena uma ótima pequena/ Não
há branco que não perca até o juízo/Onde passas/ Sai às vezes bofetão/ Toda
gente faz questão do teu sorriso/[...]
Por tua causa já se fez revolução/Vai haver transformação na cor da lua/
Antigamente a mulata era a rainha/ Desta vez, ó moreninha a taça é tua.

Em contrapartida dois anos depois, Braguinha compõe “Linda Lourinha”:

Lourinha, lourinha/ Dos olhos claros de cristal/ Desta vez, em vez da vez em da
moreninha/Serás a rainha do meu carnaval/Loura boneca que vens de outra
terra/Que vens da Inglaterra/ Que vens de Paris/Quero te dar/ o amor mais
quente/ Do que o sol ardente desse meu país [...]
Mas tuas faces vão ficar morenas/ Como as das pequenas deste meu Brasil.

Observamos que apesar da defesa realizada pelo compositor às louras, ele as deseja com as “faces morenas das pequenas” de seu país. Ao fazermos uma reflexão mais detalhada, poderíamos certamente levantar algumas questões acerca das preferências, do ideal de beleza feminina vigente, entre outras.

A música também pode nos mostrar o retrato da mulher submissa, ao passo que pode nos remeter a uma mudança no comportamento dessa mesma mulher, como por exemplo, na canção “Amélia,” de Mário Lago e Ataulfo Alves, gravada em 1941.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Nunca vi fazer tanta exigência/ Nem fazer o que você faz/ Você não sabe o que é ter consciência/ Não vê que eu sou um pobre rapaz/Você só pensa em luxo e riqueza/ Tudo o que você vê, você quer/Aí, meu Deus, que saudades da Amélia/ Aquilo sim é que era mulher./ às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer/[...] Amélia não tinha a menor vaidade/ Amélia que era mulher de verdade.

Na primeira parte da canção os autores se queixam da mulher e de suas exigências, esse é um perfil bem diferente da mulher submissa. Já em outro momento expressam a saudade do modelo de mulher que seria ideal, afinal “Amélia” era desprovida de vaidade, não reclamava, não tinha voz ativa, essa era a mulher desejada, mas que na canção ficou apenas nos sonhos. Não estava mais ao dispor masculino. A saudade deixada pela rainha do lar, também ficou registrada na canção “Emília” de autoria de Wilson Barbosa e Haroldo Lobo, datada de 1941. A letra traz consigo o modelo de mulher doméstica “passiva e submissa, voltada para o lar e ao serviço do homem” (DEL PRIORE, 2005, p.270) assim veremos:

Eu quero uma mulher/ Que saiba lavar e cozinhar/ Que, de manhã cedo,/ Me acorde na hora de trabalhar/ Só existe uma/E sem ela eu não vivo em paz/ Emília, Emília, Emília/ Eu não posso mais/ Ninguém sabe/ igual a ela o preparo do meu café/Não desfazendo das outras/Emília é mulher/ Papai do céu é quem sabe/A falta que ela me faz/ Emília, Emília, Emília/ Eu não posso mais.

Observamos na canção acima as mesmas queixas sobre a ausência da mulher perfeita. Porém, cabe a pergunta: onde estará Emília? Qual motivo levou- a à separação? Será que Ou simplesmente aquela mulher prendada que tinha por objetivo antecipar os desejos do marido estaria cansada de exercer esse papel e resolveu viver outros personagens na vida Estudar, desbravar outros caminhos, ter uma profissão, senão cuidar de alguém. Seja como for, ambas as canções nos ajudam a elucidar muitas questões.

3- Cadernos, depoimentos e dedicatórias: para quando a mente esquecer o coração lembrar

Outras fontes que muito nos ajudarão para a compreensão da educação feminina e de suas práticas dizem respeito aos cadernos de oração e cadernos de poesias que durante muito tempo foram uma prática muita difundida entre as meninas. O caderno pode ter várias finalidades, pode ser apenas o “de anotações do aluno, que, diferentemente do caderno de rascunho, não tem





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

estatuto acadêmico nem prescrições, estrutura ou regras formais” (VIÑAO FRAGO, 2008, p.81).

Dessa maneira, poesias e orações registradas em cadernos também podem nos fornecer material precioso à pesquisa:

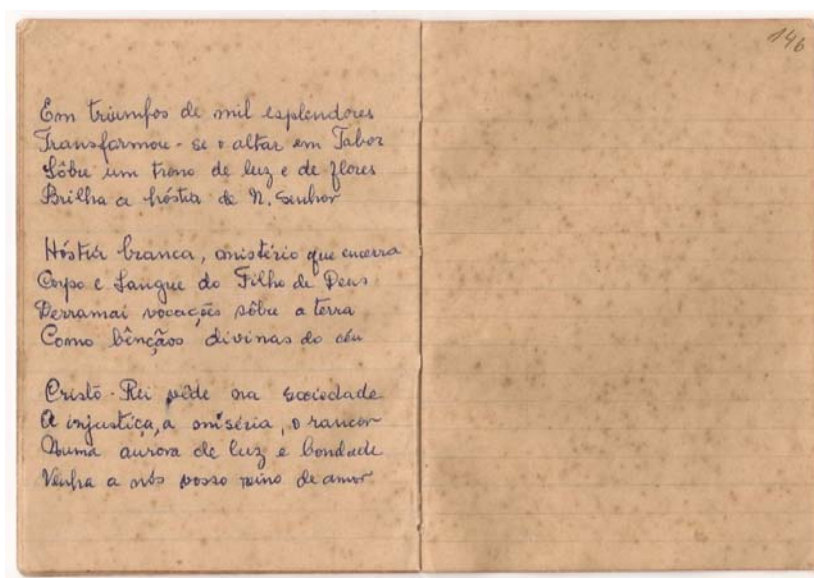


Figura2: Caderno de Orações de Dona Maria Paiva Monteiro. Acervo pessoal do Sr. Alexnaldo Santos Neres.

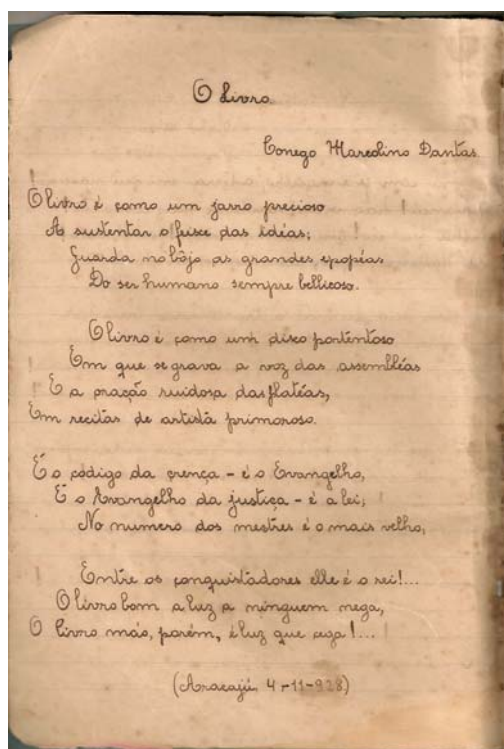


Figura 3: Livro de Poemas e poesias de Dona Maria Paiva Monteiro. Acervo pessoal do Sr. Alexnaldo Santos Neres.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A citada oração e poema se encontram registrados no caderno de orações e no caderno de poemas da Professora Maria Paiva Monteiro; suas anotações se iniciam nos anos 30 do século XX. Através desse registro observamos toda a religiosidade que marcava sua vida e consequentemente a de muitas mulheres de seu tempo. Vale ressaltar que a mesma mantinha o hábito de colecionar orações e poesias em cadernos distintos, porém, conservava o costume de datar, principalmente as poesias, chamando atenção para a cidade, dia, mês, ano, autoria e impresso de onde a informação foi retirada. Através dessas informações, podemos vislumbrar todo um período vivido, algumas das concepções transmitidas e assimiladas, principalmente pelas mulheres.

Além dos registros nos cadernos podemos contar com as dedicatórias deixadas no verso das fotos antigas que expressam carinho e respeito pelo destinatário, prática muito utilizada nos registros de dias especiais, como casamentos, batizados, aniversários, formaturas ou por simples registro da memória, assim citamos: “A querida titia e família com todo afeto e carinho dedica sua sobrinha, Terezinha Almeida em 10 de dezembro de 1961”. Ou ainda, nas dedicatórias que marcam as relações de amizade, como:



Figura 4: Foto de Dormélia e Valdelice Teixeira participantes do Fã-Clube de Altamar Dutra. Ao lado dedicatória. 03 de dezembro de 1966. Acervo pessoal: Georgina Almeida Siqueira.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A dedicatória marca as relações familiares existentes, as relações de amizade, tudo o que foi ou estava a ser construído. Por meio delas, identificamos também os pontos em comum, sejam na forma de pensamento, preferências musicais e os sonhos que norteavam suas vidas.

Outra fonte de pesquisa para o entendimento desses fragmentos da História da Educação Feminina diz respeito aos depoimentos orais que são de suma importância para a compreensão desse universo. Neles encontramos as histórias de vida, encontros e desencontros, expectativas e decepções. O que marcava a chegada das meninas ao orfanato era a ausência, o abandono e a falta de recursos. O caminho nem sempre era ameno, dependendo da necessidade, entravam em cena os favores representados pela vontade política. Porém, essa chegada sempre foi marcada pela necessidade de se estar ali.

Minha mãe começou a trabalhar no “Hotel Comercial”. Que hoje já não existe. Minha avó costurava as fardas da Polícia Militar, mas tinha outros netos de minha avó, de minha tia que morava no Rio de Janeiro, e minha avó tomava conta deles. Minha mãe, vendo todo esse trabalho [...], pediu a Dr. Leandro Maciel para mim morar no orfanato. Eu vim para o orfanato com 9 anos e fiquei até os 13 porque, na época, o orfanato só dava até a 4ª série e minha mãe queria que eu estudasse mais. E aos 13 anos eu saí do orfanato e fui para Aracaju para terminar meus estudos. (GOÊS, 2006, p.01)

A situação acima nos mostra a necessidade que a mãe tinha de trabalhar e a dificuldade em criar sua filha sozinha, apesar de contar com a ajuda da avó materna. Os anos de dificuldade ficaram bem marcados na vida da depoente; para ela o esforço da mãe era justificável, mas, a saudade era algo inevitável. Para outras, a situação de pobreza foi o fator primordial:

Não tinha pai; minha mãe, doméstica sem poder pagar aluguel de casa [...]. Quando minha mãe teve meu 3º irmão, ela ficou sem trabalhar. Antigamente quem trabalhava como doméstica não tinha nada. Eu tinha que sair para pedir [...]. Para mamãe tudo era muito difícil, muito, muito mesmo; basta lhe dizer isso! Minha mãe era doméstica, aí estava na casa da patroa, mas não podia ficar com os filhos. Aí a patroa disse: a menina eu vou botar no orfanato [...]. Fui para o orfanato e fiquei lá oito anos e só saí para ajudar mamãe a criar meus irmãos [...]. Com 15 anos criei quatro irmãos. Quatro irmãos eu criei! (SANTOS, 2006, p.02)

Percebemos o quanto foi difícil a ausência do pai e como a depoente passa a tomar as rédeas da família, tendo, inclusive que assumir a criação dos irmãos mais novos. A saudade, as dificuldades, o amor externado pela mãe com poucos recursos financeiros para a sua criação, são algumas características a ser exploradas neste depoimento.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Torna-se necessário lembrar, que nenhuma das fontes, aqui apresentadas, se encerram em si mesmas, ou seja, cabe um estudo aprimorado, cruzamento de informações e materiais, trabalho árduo de pesquisa, mas não podemos deixar de pensar como seria interessante analisar a trajetória feminina através de canções, contos, poesias, revistas, enfim, tudo que nos leve a compreensão do ser mulher.

Como vimos, as fontes acerca da história da mulher se apresentam de forma diversificada e as mais variadas possíveis; podem estar nos lugares mais inusitados: no baú no canto do quarto, nos livros de receitas de família, nas cartas de amor, nos discos na estante, nas dedicatórias em fotos antigas, enfim em tudo o que possa nos ajudar a compor esse universo.

Referências

ALENCAR, José de Alencar. **Senhora**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FREIRE, Maria Martha de Luna Freire. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso Maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do ontem para o hoje: práticas escolares em diários íntimos de professoras. In: SOUZA, Eliseu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008. p.117-129.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho. 2001, p. 09-43.

LOPES, Eliane M.T. ; GALVÃO Ana M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro : DP&A, 2001.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p.111- 153.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Record, 2006.

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina**. Belo Horizonte: Boa Viagem Distribuidora de Livros, 2011. p.40.

NEVES, Luiz Euclides da Silva. Amor ou paixão? Que sentimento movia Mariana? **Revista Lato e Sensu**, Belém, v.4, nº 02, outubro, 2003. p.1-5. <http://www.nead.unama.br/sitebibdigital/pdfartigos-revistas>.< Acesso em 09 de março de 2012.>

NUNES, Maria José Rosado. As freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Aracaju: Editora da UFS, 2008.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a Educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

VIÑAO FRAGO, Antônio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos.

In: MIGNOT, Ana Christina Venâncio. (org.) **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-33.

Depoimentos Orais

GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

Fontes

Caderno de Orações de Dona Maria Paiva Monteiro. Acervo pessoal do Sr. Alexnaldo Santos Neres.

Livro de Poemas e poesias de Dona Maria Paiva Monteiro. Acervo pessoal do Sr. Alexnaldo Santos Neres.

Fontes Eletrônicas

<<http://www.mpbnet.com.br>> acesso realizado em 04 de março de 2010.

<<http://www.cifrantiga3.blogspot.com>> acesso realizado em 04 de março de 2010.

<<http://www.visualdicas.blogspot.com/2009/06/vidadomestica.html>> acesso realizado em 05 de março de 2012.

<<http://www.nead.unama.br/sitebibdigital/pdfartigos-revistas.>> acesso realizado em 09 de março de 2012.

